

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PATRÍCIA DA CONCEIÇÃO FREIRE

ERA UMA VEZ UM BONECO DE MADEIRA: ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES

INFANTIS ATRAVÉS DA HISTÓRIA DE PINÓQUIO

CAMPINAS

2013

Patrícia da Conceição Freire

Era uma vez um boneco de madeira: Estudos sobre as relações infantis através da  
história de Pinóquio

Trabalho de conclusão do  
curso de Pedagogia, sob a  
orientação do Prof. Dr.  
Silvio Donizetti de  
Oliveira Gallo

Campinas

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**  
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F883e Freire, Patrícia da Conceição, 1990-  
Era uma vez um boneco de madeira: estudos sobre as  
relações infantis através da história de Pinóquio / Patrícia  
da Conceição Freire. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Infância. 2. Ética. 3. Moral. 4. Relações de poder.  
I. Gallo, Silvio, 1963- II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-117-BFE

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram no longo percurso de minha formação enquanto pedagoga seja de maneira direta ou indireta. Em especial gostaria de destacar minha mãe Conceição Aparecida Fernandes Jerônimo, que sempre me incentivou a correr atrás dos meus objetivos e me ensinou a não desistir daquilo que acredito. Dedico também ao professor César D. Leite que me sugeriu como desafio trabalhar com a história de Pinóquio e a infância; assim como ao Silvio D. Gallo que aceitou este desafio junto comigo.

## **Resumo**

Tomando como base a história do boneco de madeira, que é guiado pelos seus desejos e assim consegue falar, saltitar, correr e brincar, “As aventuras de Pinóquio” do escritor Carlo Collodi, é uma história que traz questões pertinentes à reflexão sobre o papel social da criança, assim como as relações e as expectativas do ser infantil. Desta maneira, iremos utilizar das relações de Pinóquio com sua sociedade, trazendo uma contextualização do momento ao qual a história foi escrita, explorando o desenvolvimento da concepção de infância, para assim estabelecer discussões sobre a ética e a moral, as relações de poder existentes nas relações sociais com a criança e as instituições disciplinadoras as quais têm o papel de garantir o convívio ético e moral na sociedade.

Palavras-Chave: Infância; relação de poder; ética; moral.

## **Sumário**

Introdução.....	7
I. O Conto e a modernidade: As relações entre “As Aventuras de Pinóquio” e a infância.....	11
II. Era uma vez um pedaço de madeira .....	17
II.I A marionete que é capaz de dançar, esgrimir e dar saltos-mortais.....	18
II.II Esculpindo a história.....	26
III. Sobre ser Ético e Moral.....	31
IV. Metáfora de Pinóquio – Do Boneco de madeira ao vir a ser criança.....	39
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	50

## Introdução

A história de Pinóquio mostra-se um excelente objeto de estudos para a exploração e investigação da condição ética e moral na infância. A história escrita por Carlo Collodi no livro “As Aventuras de Pinóquio” e representada por Roberto Benigni no filme “Pinocchio”, apresentam a metáfora de um boneco de madeira, livre em suas ações, que se torna humano, quando assume um papel ético e moral dentro da sociedade. A trajetória do *buratino*, de sua criação até tornar-se um ser social, nos apresenta uma série de representações significativas para refletir sobre a apropriação da infância, assim como sua condição de fase passageira, de preparação para o ser adulto.

Pinóquio é a personificação da criança, do ser infantil, pois ele se constitui pelos seus desejos, sua vontades; pela fome voraz, o grande cansaço, sentir-se mal na escola e no trabalho, o querer correr, brincar, pular; enfim, o desejo de ser livre. O pequeno expressa a dificuldade em ser livre dentro da sociedade, pois a história apesar de ser uma ficção, apresenta traços de semelhança com a sociedade moderna, vivenciada no século XIX, momento em que Collodi escreve o conto. Portanto apesar de sua vontade de fazer o que lhe bem entender, Pinóquio vive em um meio que é constituído por práticas éticas e morais, que exigem um comportamento e atitude dos indivíduos e assim, o pequeno estabelece relações de conflito, pois ele tenta agradar seu pai Gepeto e a Fada-Azul, no entanto, isto implicaria em abandonar suas vontades para então adotar uma conduta, mas a marionete também almeja experimentar a vida e por isso vive intensamente tanto o prazer quanto à dor.

Neste conto encontramos dois tipos de crianças, uma que é considerada boa, pois vai à escola e obedece a seus pais, outra que é rebelde, não gosta de ir à

escola, odeia trabalhar e desobedece as regras. Com essas duas características delimitados podemos enxergar a presença da moral imposta sobre essas crianças, a qual tornar-se-ão “burros” caso não obedecem as regras ou terão como destino, a cadeia ou o hospital, de acordo com a história de Collodi, que são instituições disciplinadoras, conforme discutiremos junto com Foucault (1984)

A criança que encontramos em Pinóquio é um belo retrato das que existem fora da ficção, pois essas assim como ele sofrem com as normas, com as cobranças, com a dor, com as relações de poder existentes entre o adulto e a criança. Estas relações entre o desejo e o poder norteiam a vida das pessoas, as relações sociais assim como as obrigações definem a conduta do indivíduo, desta maneira, este trabalho ressalta as relações de Pinóquio com sua sociedade, assim como seus conflitos representando o papel social da infância no século XIX, pois a história de Collodi é um conto infantil popular com as crianças, desde o ano de sua publicação até a atualidade.

Com isso, queremos saber qual é a caracterização da criança na sociedade, quais valores nós adultos atribuímos para elas e quais as intencionalidades em utilizar de aparelhos coercitivos e disciplinarizadores para estabelecer uma conduta; e para melhor compreender, utilizaremos a análise da história de Pinóquio, que representa a figura infantil se relacionando com a sociedade, mostrando seus enfrentamentos, assim como aceitando o processo que ele passa até agregar para si as normas sociais para até o momento em que ele adotou uma postura ética e moral para com sua família.

Para este fim, propomos pensar a criança, conforme Leite (2007) sugere “adotarmos a noção de que a infância é uma entidade em franco processo de transformações e que, por isso mesmo produz, nas diferentes esferas sociais,

reações (e sensações) variadas.” (2007, p.31) Ou seja, nos voltaremos para as relações infantis em seu meio e assim, buscamos o processo histórico em que o infantil, conforme concebemos atualmente, se constituiu, pois pensar a infância é buscar tudo aquilo que já foi vivido, a final todos nós já passamos por ela, porém o pensar a criança, muitas vezes, nos leva a uma avaliação adulta, ou seja, enxergamos os pequenos com olhos adultos, sistematizando suas ações, delimitando seus pensamentos e questionamentos, tentando interpretar suas vontades.

“Na grande maioria das vezes, no discurso acadêmico bem como no senso comum, a infância é definida como *a época em que o indivíduo, tanto do ponto de vista físico quanto moral, não existe ainda, em que ele se faz, se desenvolve e se forma* (SIROTA, 2001, 9). Nesta direção, verifica-se que poucas vezes em nossa cultura, laica ou acadêmica, vemos a criança como um **ser que é**, porque na maioria delas ela é vista como um **ser futuro, um devir**, tanto que os trabalhos acerca da criança acabam sendo intimamente ligados a questões da educação e da própria instituição, pois são estas instituições que acabaram ao longo da história da humanidade sendo responsáveis pelo processo de levar a criança da esfera do que **não é** ao lugar de **ser**” (Leite, 2007, p. 51)

Para este trabalho, iremos utilizar de uma contextualização do momento histórico em que a história “As aventuras de Pinóquio” foi publicada, assim como a concepção de infância que se constituiu no decorrer da construção da sociedade moderna. Além disto, iremos especificar os perfis dos personagens que compõem o núcleo familiar de Pinóquio, desmembrando seu papel social, suas relações e representações na história para então perceber refletir sobre as atribuições éticas e morais e suas relações com as ações dos personagens. Por fim, trabalharemos com

a passagem do boneco de madeira para um menino de verdade, ressaltando as resistências de Pinóquio.

## I. O Conto e a modernidade: As relações entre “As Aventuras de Pinóquio” e a infância.

Carlo Collodi escreveu em 1881 para o jornal “*Giornale per i Bambini*” de Ferdinando Martini, a história “*Storia di un burattino*” que em seguida recebeu o título “*Le avventure di Pinocchio*”, quando foi publicado em livro. Esta é a história de um boneco de madeira que possui vida e se assemelha a uma criança. No entanto, o *buratino* é um ser de mais desejos do que de razão, o que resulta em uma não aceitação da sociedade quanto ao seu comportamento. Esta história atinge o público infantil, desde o final do século XIX até a época atual, pois trabalha com a moralidade da infância, mostrando através das desventuras do pequeno boneco de madeira, que se deve sempre ser um bom menino e seguir os conselhos dos adultos que o querem bem.

Pinóquio, como interpretamos, é a essência da criança, do ser infantil, dos desejos, e é através de sua relação com a sociedade que Collodi descreveu o papel social da infância no século XIX, pois o boneco apenas se liberta de sua condição de inferioridade, quando passa a cumprir os deveres atribuídos às crianças, que seriam: ir à escola, trabalhar, ser um menino comportado e não mentiroso, assim como aceitar e respeitar os conselhos dos pais e professores.

A imagem infantil apresentada em “*As aventuras de Pinóquio*” é representada sempre como uma expectativa de ser, pois Pinóquio, não é um ser completo, não é aceito pela sociedade devido a sua condição de não humano, porém ele poderá vir a ser uma criança, conforme Leite (2007) caracteriza a maneira com a qual a infância é tida socialmente, como uma fase de transição, como um futuro, sendo assim, a criança é a expectativa de um adulto.

Pinóquio, enquanto um indivíduo em processo de preparação ao mundo adulto, como um sujeito futuro, que deve abandonar sua condição infantil para tornar-se um homem, deverá ser primeiro um bom menino, para então ser reconhecido por sua sociedade como uma criança e ter a possibilidade de crescer, conforme Collodi (1979) descreve no diálogo entre o Pinóquio e a Fada Azul, quando ela aparece não mais como uma menina, mas sim como uma mulher:

“- Está lembrado? Você me deixou menina e agora me reencontra mulher, tão mulher, que eu poderia ser sua mãe.

- Gostei muito, porque assim, em vez de irmã, vou chamá-la mãe. Faz tanto tempo que sonho em ter uma mãe como todos os outros meninos!... Mas como fez para crescer tão depressa?

- É um segredo.

- Me ensine. Eu também quero crescer um pouco. A senhora não está vendo? Fico sempre baixinho.

-Mas você não pode crescer – Responde a Fada.

- Por quê?

- Porque as marionetes nunca crescem. Nascem marionetes, vivem marionetes e morrem marionetes.

- Ah! Estou farto de ser marionete! – gritou Pinóquio dando um tapa em si mesmo. – Está na hora de eu também virar homem...

- E você vai virar, se souber merecer...

- Verdade? E o que posso fazer para merecer?

- Uma coisa facilíma: acostumar-se a ser um menino bem comportado.

- Quer dizer que não sou?
  
- Nem de longe! Os meninos bem-comportados são obedientes, enquanto você...
  
- Eu não obedeco nunca.
  
- Os meninos bem-comportados têm amor ao estudo e ao trabalho, mas você...
  
- Eu muito pelo contrário, banco o preguiçoso e o vagabundo o ano inteiro.
  
- Os meninos bem-comportados dizem sempre a verdade...
  
- E eu, sempre mentiras.
  
- Os meninos bem-comportados gostam de ir ao colégio...
  
- A mim, o colégio me dá dor no corpo inteiro. Mas de hoje em diante quero mudar de vida.” (COLLODI 1979, p. 108)

De acordo com a história, Pinóquio apenas poderia crescer se assumisse os deveres infantis de sua época, desta maneira, para o boneco ser reconhecido, deverá ir à escola, arrumar um emprego e se comportar, no entanto quando ele diz não gostar de ir para a escola e achar cansativo trabalhar, a Fada Azul logo lhe responde:

“ - Meu filho – disse a Fada – os que dizem isso acabam quase sempre na cadeia ou no hospital. Para seu governo, quer um homem nasça rico, quer nasça pobre, é obrigado a fazer algumas coisas neste mundo, a se ocupar, a trabalhar. Ai dele, se deixar dominar o ócio. O ócio é uma doença muito feia, que é preciso curar ainda na infância, se não, depois de crescidos, não se cura mais.” (COLLODI 1979, p.110)

Esta visão com relação à importância do trabalho, assim como o estudo é característica do final do século XVIII e início do século XIX, em que a modernidade começa se consolidar através do trabalho industrial e da manufatura. O trabalho e a escola passam a ter uma maior relevância na sociedade, em que Ariès (1981) considera como uma polarização da vida social em torno da família e da profissão.

“A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. Portanto, não surpreende que essa revolução escolar e sentimental tenha sido seguida, com o passar do tempo, de um malthusianismo demográfico, de uma redução voluntária da natalidade, observável no século XVIII.[...]

A consequência disso tudo [...] foi a polarização da vida social no século XIX em torno da família e da profissão, e o desaparecimento [...] da antiga sociabilidade.”  
(ARIÈS, 1981, p. xi)

O ócio, considerado pela Fada Azul, como uma doença é um reflexo deste momento histórico, pois se quebra com as concepções medievais de que o trabalho fosse algo pejorativo e passa-se a considerá-lo como meio de ascensão do sujeito tornando-o mais digno. Desta maneira, a escola assume o papel não apenas da preparação do indivíduo para a sociedade, mas também de preparação para o mercado de trabalho.

A preocupação com a educação para a vida social está pautada nos preceitos da civilização grega do período clássico, na qual segundo Kohan (2003a), para Platão, existiria uma conexão direta entre a qualidade da polis e a dos indivíduos

que a compõem, sendo assim haveria a necessidade de uma preparação do sujeito para ele poder exercer um papel na sociedade. Desta maneira,

“A infância é um problema filosoficamente relevante na medida em que se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a polis atual se aproxime o mais possível da idealizada.” (KOHAN 2003, p. 14)

Neste sentido, a história “*As aventuras de Pinóquio*”, transmite uma moral através sobre a figura da criança, representando através das ações de Pinóquio e de suas consequências, como deve ser o infantil, assim como seus deveres dentro da sociedade moderna. Esta visão foi historicamente construída, pois desde a antiguidade, a criança é vista como um ser desprivilegiado, sem grande importância. “A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade” (ARIÈS, 1981 p. x). O conceito de infância, de acordo com o autor, se formou na contemporaneidade, pois a partir do final do século XVIII e início do século XIX, a criança passou a ter maior importância na sociedade, assim como no núcleo familiar passando a ter uma maior afeição, o que expressou na relevância que é atribuída à educação para a formação do sujeito social.

O contexto em que a história de Pinóquio foi escrita é marcado pela modernização, que proporcionou grandes transformações inclusive do meio familiar, que se constituiu como nuclear, perdendo grande parte de suas funções medievais. Estas mudanças levaram a uma alteração na conduta reprodutiva, durante o século XIX. As crianças passaram a ter um valor e uma identidade própria, o que se deve ao fato de o casal poder escolher ter ou não ter filhos. Em função deste novo ocorrido, a criança ganha um espaço específico, distinto do adulto, sendo ele o

núcleo das relações e preocupações familiares, pois o pequeno deve ser protegido e instruído.

“O Estado mostra um interesse cada vez maior em formar o caráter das crianças. Surgem assim uma série de instituições com o objetivo de separar e isolar a criança do mundo adulto, entre elas, a escola. A criança adquire um novo espaço dentro e fora da instituição familiar.” (KOHAN, 2005, p.66)

Desta maneira, segundo Fernandes (1997), educar na infância passa a ter um sentido moralizador, uma vez que irá inserir a criança na sociedade através de comandos, vigilância, repressão e punição, o que a autora considera como a “a voz da própria sociedade” (1997, p. 64) , que por uma maneira imperativa de comando, irá definir as atribuições éticas e morais dos indivíduos.

“[...] educar já não é a arte de cultivar as paixões de modo que, dosadas, sejam auxiliares à disposição dos homens. Ao contrario, educar é declarar guerra, interminável e sem tréguas, contra as paixões”. (FERNANDES p. 64, 1997)

Seguindo esta linha de pensamento, iremos abordar as relações éticas e morais de Pinóquio, assim como suas relações com familiares e as experiências em sua sociedade, que norteiam o caminho percorrido do boneco, desde sua criação até o momento em que se torna “menino de verdade”.

## II. Era uma vez um pedaço de madeira

“Gepeto, de volta à sua casa, começa logo a fabricar a marionete e lhe dá o nome de Pinóquio.” (COLLODI 2009, p. 14)

Compreendendo melhor o momento no qual Carlo Collodi escreveu a história de Pinóquio, podemos analisar as representações dos personagens, pois como dito anteriormente, este é um conto repleto dos ideais sociais do século XIX.

Para melhor desenvolver o tema, irei apresentar brevemente a história de Pinóquio, até o momento em que aparecem os personagens principais para a discussão sobre as relações da infância na sociedade. Os personagens que pretendo destacar são principalmente o Grilo-Falante e Pinóquio, mas também, Gepeto e a Fada Azul.

Escolhi estes quatro, pois na história de Collodi eles nos dá indícios das práticas e das relações familiares, sendo Gepeto o pai trabalhador e bondoso, a Fada assumindo a princípio um papel de irmã e posteriormente o de uma mãe carinhosa e o Grilo a razão imperativa sobre Pinóquio, o ser infantil que precisa superar sua condição, para então tornar-se um “menino de verdade”, ou seja, passar a seguir as normas sociais e controlar seus desejos para então poder ser reconhecido como integrante da sociedade.

Sendo assim, irei traçar as características centrais dos personagens que destaquei para então analisar as relações éticas e morais dentro de suas ações e caracterizações, pois Collodi atribui muitos adjetivos aos seus personagens, o que transmite a intencionalidade da caracterização de cada um na história, deixando transparecer sua mensagem sobre os preceitos sociais do século XIX. Além do que

explicita as relações de poder existentes entre os personagens, sendo dois deles adultos, Gepeto e a Fada, um deles um sujeito racional, Grilo-Falante, e o último um indivíduo infantil, Pinóquio.

## **II.1 A marionete que é capaz de dançar, esgrimir e dar saltos-mortais.**

Na história “*As Aventuras de Pinóquio*” de Carlo Collodi, o bondoso velhinho chamado Gepeto adquire um pedaço de madeira com a intenção de fabricar um boneco que pudesse “dançar, esgrimir e dar saltos-mortais”, com o intuito de viajar o mundo e ganhar “um pedaço de pão e um copo de vinho”. No entanto, ele criou um boneco “levado” que não respeitava o próprio pai.

“[...] enquanto o pobre Gepeto era levado sem culpa para a prisão, aquele danadinho do Pinóquio, tendo ficado livre das garras do carabineiro, saiu correndo através dos campos para chegar mais depressa em casa. E na fúria da corrida pulava barrancos altíssimos, espinheiros e fossos cheios d’água, exatamente como teria feito um cabrito ou uma lebre perseguida por caçadores.” (COLLODI 2009, p. 19)

Um terceiro personagem aparece na história quando Pinóquio volta para sua casa. Lá ele encontra um Grilo que passa a conversar com ele sobre a infelicidade que é desrespeitar o pai e abandonar sua casa, assim como o quão importante é ir para a escola ou aprender uma profissão. Porém, o boneco se irrita com o “agouro” do Grilo e lhe joga um martelo bem na cabeça, o que leva ao falecimento do inseto. Durante aquela noite Pinóquio passa por inúmeros importunos, como passar fome, frio, medo e ter seus pés queimados pela brasa que o aquecia. Logo pela manhã seu pai voltou para casa e vendo o pequeno boneco neste estado deu-lhe seu café

da manhã, que eram três peras, porém, Pinóquio se recusa a comer as frutas com a casca; seu pai, então responde-lhe:

“-Nunca pensei, meu menino, que você fosse tão delicado e tão enjoadinho de paladar. Isso é mau! Neste mundo, é preciso acostumar-se desde criancinha a ter boa boca para comer de tudo, mesmo porque nunca se sabe o que pode acontecer. A gente vê tanta coisa!...” (COLLODI 2009, p. 30)

Gepeto, no entanto, descascou as peras e as deu para que Pinóquio pudesse comer. O boneco, tendo devorado seu alimento, fez um gesto de que jogaria fora os miolos das frutas, porém seu pai disse-lhe para guardá-los. Pinóquio continuou com fome e então resolveu comer as cascas e os miolos e seu pai então lhe disse:

“- Você está vendo, então – observou Gepeto -, que eu estava certo quando lhe disse que devemos nos acostumar sem muitos dengos nem muitas exigências de paladar. Meu querido, nunca se sabe o que pode nos acontecer neste mundo. A gente vê tanta coisa!...” (COLLODI 2009, p. 31)

Após saciar a fome, Pinóquio desesperou-se pela perda dos pés, seu pai, no entanto deixou que seu desespero perdurasse a manhã inteira, como forma de castigo por tudo que havia feito. O boneco pedia os pés novos e dizia que a partir daquele momento seria um menino bonzinho e iria para a escola, Gepeto então lhe esculpiu os novos pés.

“Assim que a marionete percebeu que tinha pés, pulou da mesa onde estava deitada e começou a fazer mil piruetas e a dar mil cambalhotas, como se tivesse enlouquecido de tanta alegria.

- Para recompensar o senhor pelo que fez por mim – disse Pinóquio a seu pai -, quero ir logo para a escola.

- Muito bem.

- Mas para ir à escola preciso de uma roupa.

Gepeto, que era pobre e não tinha nem um centavo no bolso, fez então para ele uma roupinha de papel florido, um par de sapatos de casca de árvore e um chapeuzinho de miolo de pão.

Pinóquio foi logo se espelhar numa bacia cheia d'água, e ficou tão contente de si que disse, gabando-se:

- Pareço até um cavalheiro.

- É verdade – respondeu Gepeto -, porque, não se esqueça, não é a roupa bonita que faz o cavalheiro, mas a roupa limpa.” (COLLODI 2009, p.33)

Gepeto então vende seu paletó para comprar a cartilha para seu filho, que no caminho para a escola, escuta sons que “vinham do fundo de uma compridíssima estrada transversal que levava a uma aldeota construída na praia, à beira-mar.” (COLLODI 2009, p. 37) E então, decide ir ver a apresentação ao invés de ir para a escola, vendendo sua cartilha para comprar o ingresso.

“Pinóquio, que tinha no corpo a febre da curiosidade, perdeu todo o pudor e, sem se envergonhar, disse ao rapazinho com quem falava:

- Será que você me dava quatro tostões até amanhã?

- Eu te daria com a maior boa vontade – respondeu o outro debochando – mas hoje justamente não posso te dar.

- Por quatro tostões te vendo a minha jaqueta – disse-lhe então a marionete.

- E para que me serve uma jaqueta de papel florido? Se chove, não dá nem para tirar do corpo.

- Quer comprar meus sapatos?

- Só se for para acender o fogo.

- Quanto você me dá pelo chapéu?

- Grande compra, realmente! Um chapéu de miolo de pão! Vai ver, os ratos acabam comendo ele na minha cabeça!

Pinóquio estava aflito. Via-se a ponto de fazer uma última oferta, mas não tinha coragem. Hesitava, vacilava, sofria. Afinal disse:

- Quer me dar quatro tostões por esta cartilha nova?

- Eu sou um menino e não compro nada de meninos – respondeu o pequeno interlocutor, que era muito mais ajuizado que ele.

- Por quatro tostões, eu fico com a cartilha – gritou um vendedor de roupa usada que tinha ouvido a conversa.

E o livro foi vendido ali, na hora. E dizer que o pobre Gepeto havia ficado em casa tremendo de frio em mangas de camisa, para comprar a cartilha para o filho.”

(COLLODI 2009, p. 38)

Quando o boneco entra na apresentação, as duas marionetes que estavam representando no palco param e chamam por ele. Todos os outros bonecos saem e começam a festejar, até que o gigante Tragafogo aparece com sua voz estridente e acaba com a festa das marionetes. Para acertar suas contas com o Pinóquio, o gigante resolve usá-lo para manter o fogo que cozinhava sua janta, no entanto, ao ver o boneco se debatendo pedindo por sua vida, o gigante soltou um estrondoso espirro. Quando Tragafogo espirrou, Arlequim pulou de alegria e sussurrou para Pinóquio, que quando o gigante sentia pena de alguém, ele espirrava, porém, ao desistir de usar Pinóquio, ele resolve jogar nas brasas o Arlequim, mas Pinóquio se

colocou em sua frente e pediu então que jogassem a ele e não seu amigo. O gigante se comoveu novamente e perdoou os bonecos, que fizeram uma enorme festa e dançaram a noite inteira. No dia seguinte, o gigante chama Pinóquio e lhe dá de presente cinco moedas de ouro e mandou seus cumprimentos para Gepeto.

No caminho para sua casa, o boneco de madeira encontrou uma Raposa manca de um pé e um Gato cego dos dois olhos, que o cumprimentaram chamando-o pelo nome. Pinóquio questiona sobre como eles saberiam seu nome e eles respondem que conhecem o pai dele, pois haviam visto o “pobre homem” que estava “em mangas de camisa e tremia de frio”. O boneco se lamenta, mas afirma que este seria o último dia que ele teria frio, pois Pinóquio agora era rico. A Raposa e o Gato riram de Pinóquio, que ficou irritado e mostrou as moedas que carregava em seu bolso. Os animais se espantaram com as moedas e o questionam sobre o que faria com as moedas. O pequeno então diz que irá comprar um casaco para seu pai e comprar uma cartilha para ele para a escola. A Raposa então falou que havia perdido a perna devido à tola mania de ir para a escola, assim como o gato que perdera a visão, porém um “Melro branco que estava empoleirado numa sebe à beira da escada” falou para que o boneco não ouvisse os conselhos dos maus companheiros, pois iria se arrepender. O gato no mesmo instante pulou em cima do Melro e o devorou, depois voltou a fingir que era cego.

Enquanto caminhavam, a Raposa perguntou para Pinóquio se ele gostaria de duplicar suas moedas e lhe explicou que se ele enterrasse as moedas na Terra dos Patos, ele conseguiria ter até duas mil moedas. O boneco relutou e preferiu ir para casa, mas após ouvir novamente que poderia duplicar suas moedas o interesse e a curiosidade surgiu, pois a Raposa explicará que a Terra dos Patos é uma terra

abençoada, que inclusive é chamada de “Campo dos Milagres”, pois se ele plantasse suas moedas lá, iria nascer uma árvore de moedas e então combinaram a ida ao campo abençoado. Primeiro pararam em uma taverna para jantarem e descansarem antes de irem ao Campo, porém quando chegou a hora combinada, a Raposa e o Gato haviam ido embora e deixado a conta para Pinóquio.

Seguindo a estrada escura e assustadora, o boneco enxergou uma “luz pálida” e então perguntou quem era e ela respondeu ser a “sombra do Grilo-Falante”, que lhe aconselhou voltar para casa com as moedas que lhe restavam, mas o boneco não concordou, pois ele e seu pai seriam ricos no dia seguinte, então o Grilo começou a dialogar com Pinóquio:

“- Não confie, meu menino, naqueles que prometem enriquecê-lo de um dia para o outro. Em geral, ou são loucos, ou trapaceiros! Ouça o que lhe digo, volte para trás...

- Muito pelo contrário, eu quero ir em frente.

-É tarde!...

- Quero ir em frente.

- A noite é escura...

- Quero ir em frente.

- A estrada é perigosa...

- Quero ir em frente.

- Lembre-se que os meninos que querem fazer o que lhes dá na telha e agir sempre como bem entendem, mais cedo ou mais tarde acabam se arrependendo.

- Sempre a mesma história. Boa noite, Grilo.

- Boa noite, Pinóquio, e que o céu o proeja do sereno e dos assassinos.”

(COLLODI 2009, p.56)

O Grilo em seguida desapareceu e então a noite ficou mais escura ainda. Pinóquio continuava andando convencendo-se de que não existiam assassinos, pois estes deveriam ser invenções dos adultos para assustar as crianças e mesmo que existissem, ele daria um jeito de afastá-los. Mal terminou seu raciocínio e observou duas figuras encapuzadas que ameaçavam-no a vida caso não entregasse o dinheiro. O boneco colocou as moedas na boca e os assassinos tentaram tirá-las, mas quando o menor tentou forçar a boca de Pinóquio, o boneco arrancou sua mão e para surpresa da marionete, a mão era uma pata de gato.

O boneco aproveita o espanto dos assassinos e sai correndo, mas eles continuam a o perseguir, até que Pinóquio encontra uma casinha no meio da floresta e pede por socorro e então aparece uma menina de cabelos azuis e pele bem branca, mas ela diz que não há ninguém na casa, pois estão todos mortos e desaparece. Neste momento os assassinos capturam Pinóquio e o deixam com uma corda no pescoço, amarrado em um grande Carvalho para que assim, o boneco morra enforcado. Os dois ladrões vão embora dizendo que voltaram no dia seguinte quando Pinóquio estivesse morto com a boca aberta.

A menina observa pela janela o boneco enforcado balançando conforme o vento e sente pena dele, então bate palmas e aparece um grande Falcão que a reverenciou e perguntou o que a fada queria. Esta menina era uma fada que morava no bosque a mais de mil anos. E então, a Fada pediu para que ele cortasse a corda que amarrava o boneco com o bico e o colocasse na grama próxima ao Carvalho.

O Falcão fez o que havia lhe pedido e a avisou que o boneco ainda estava vivo. A Fada bateu palmas novamente e apareceu um Poodle vestido de “cocheiro em libré de gala” e pede para que ele vá buscar a marionete que está deitada na grama e trazê-lo para a casinha. Quando Pinóquio chegou, a pequena fada chamou os médicos mais famosos da região, que eram: um Corvo, uma Coruja e um Grilo-falante, que começaram a discutir sobre se o boneco estava vivo ou morto.

“Atendendo ao apelo, o Corvo adiantou-se em primeiro lugar tateou o pulso de Pinóquio. Depois lhe tateou o nariz, depois os dedos mindinhos dos pés. E depois de tatear tudo direitinho, pronunciou solenemente estas palavras:

- A meu ver, a marionete está morta. Mas se por desgraça não estiver morta então será indício seguro de que continua viva!

- Sinto muito- disse a Coruja – ter que contradizer o Corvo, meu ilustre amigo e colega. Na minha opinião é o contrário, e a marionete continua viva. Mas se por desgraça não estiver viva, então será sinal de que realmente está morta.

- E o senhor não diz nada? – perguntou a Fada para o Grilo-Falante.

- Eu digo que o médico prudente, quando não sabe o que dizer, melhor que faz é ficar calado. De resto, essa marionete não me é estranha, e a conheço faz tempo!...

Pinóquio, que até então havia estado imóvel como um verdadeiro pedaço de madeira, teve uma espécie de tremor convulsivo, que sacudiu a cama inteira.

- Essa marionete aí – continuou o Grilo-Falante – é um tratante de carteirinha...

Pinóquio abriu os olhos e tornou a fechá-los rapidamente.

- É um moleque, um preguiçoso, um vagabundo...

Pinóquio escondeu a cara debaixo dos lençóis.

- Essa marionete aí é um filho desobediente, que vai partir o coração do seu pobre pai!...

Nesse momento, ouviu-se no quarto um som sufocado de choro e de soluços. Imaginem como ficaram todos quando, levantando um pouco os lençóis, souberam que quem chorava e soluçava era justamente Pinóquio.” (COLLODI 2009, p. 66-67)

## **II.II Esculpindo a história**

A partir desta parte da história, iremos separar algumas situações e definir o as características dos personagens, que representam o interesse em tornar Pinóquio um sujeito “bom” e “digno”. A análise irá ser realizada a partir de trechos do conto infantil para melhor explicitar as relações.

Até este momento de “As Aventuras de Pinóquio”, nos foi apresentado um cenário de pobreza e miséria, em que Gepeto vivia com seu filho. Na descrição de sua pequena casa havia como mobília “[...]uma cadeira bem ruinzinha, uma cama nada boa e uma lareira com o fogo aceso; mas o fogo era pintado, e perto do fogo estava pintada uma panela que fervia alegremente[...]” (COLLODI, 2009, p. 14). Outro momento que demonstra a miséria é quando Gepeto vende seu casaco para comprar uma cartilha para Pinóquio ir para a escola, o que também demonstra a importância que é atribuída à instituição escolar. Ainda nesta questão, temos a fala do Grilo, que discute com Pinóquio sobre a importância da criança ir para a escola ou arrumar algum ofício, pois caso contrário seu destino seria parar “no hospital ou na prisão”.

Estas quatro instituições citadas pelo Grilo-Falante: Escola; Trabalho; Hospital e Prisão são espaços de propagação da disciplina, que segundo Foucault (1984) é utilizada para o controle e utilização do sujeito. Ela distribui os indivíduos no espaço, cada um ocupando um lugar específico, decompondo as implicações coletivas.

“[...] O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração.” (FOUCAULT, 1984, p. 131)

Estas instituições possuem uma arquitetura muito parecida, pois buscam um ambiente propício para vigiar as ações e as comunicações, desta maneira, o exercício da disciplina organiza os espaços e lugares, cria espaços complexos, para que sejam funcionais e funcione a hierarquia.

“[...]São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos.” (FOUCAULT, 1984, p. 135)

Ou seja, Pinóquio poderia escolher qual instituição disciplinar ele teria de frequentar, seja a escola, a fábrica, o hospital ou a prisão. Desta maneira, o Grilo-Falante aparece como o portador da moral, aquele que irá dizer ao boneco qual o caminho ético a ser traçado, pois suas ações não seriam aceitas na sociedade e deveria frequentar uma das instituições para ser disciplinado.

Pinóquio é a alegoria da infância, pois se trata de um indivíduo pequeno, ingênuo, inconsequente, movido pelos seus desejos e, portanto, necessita de um direcionamento, de um poder disciplinar para então ser inserido socialmente. A

história nos remete a um pensamento de Platão sobre a infância, em que “[...] a criança é a fera mais difícil de manejar, porque, por sua potencial inteligência ainda não canalizada, é astuta, áspera e insolente.” (KOHAN, 2003, p.19), o que parte de um princípio, que a criança é um ser que deve ter um direcionamento árduo, passar por um processo de “docilização”, pois possui o potencial de um adulto, porém lhe falta a razão para nortear suas ações. Desta maneira, Pinóquio recebe os conselhos do Grilo-Falante, que é apresentado na história como um filósofo dotado de uma estimada paciência, dando a ideia de ser um ser iluminado, um ser racional.

A infância representada por Pinóquio faz parte de um processo histórico de formação, pois de acordo com Ariès (1981), é uma “invenção” moderna, surgindo o sentimento que conhecemos e atribuímos para as crianças, a partir do século XIX, já que ela, nos séculos anteriores ao XIII, era totalmente “desconhecida”, não sendo representada pela arte. Não havia uma distinção da infância, pois ela não possuía uma separação dos adultos. Nesta época, eram compartilhadas as mesmas atividades, jogos e mesmo tipo de vestimenta, sendo assim, a partir do momento em que o pequeno já conseguia se abastecer sozinho, passava a conviver com os adultos.

Até o século XVII, ocorria demasiadamente, o que Ariès chama de “infanticídio tolerado”, pois:

“Não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. [...] Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época. Persistiu até o século XIX, no campo, na medida em que era compatível com o cristianismo, que respeitava na criança batizada a alma imortal.” (ARIÈS, 1981, p.22)

Não havia a necessidade de se preocupar com a vida das crianças, pois poucos chegavam a ser adultos, portanto, “As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual.” (ARIÈS, 1981, p.22)

A partir do século XVIII, ocorre uma mudança demasiadamente substancial com relação à criança, pois há uma diminuição na fertilidade e conseqüentemente, uma baixa na mortalidade infantil.

“[...] a partir de um longo período e, de um modo definitivo, a partir do séc. XVII se produz uma mudança considerável: começa a se desenvolver um sentimento novo com relação à ‘infância’. A criança passa a ser o centro das atenções dentro da instituição familiar. A família, gradualmente vai organizando-se em torno das crianças. Dando-lhes uma importância desconhecida até então: já não se pode perdê-las ou substituí-las sem grande dor, já não pode tê-las tão em seguida, precisa-se limitar o seu número para poder atendê-las melhor” (KOHAN 2005, p.66)

Neste momento, a criança passa a ocupar um espaço separado dos adultos na sociedade, não podem mais frequentar os mesmos lugares nem possuírem as mesmas responsabilidades. O Estado passa a ter grande interesse na formação desses indivíduos, criando assim, instituições de caráter formador, que irão separar as crianças dos adultos, sendo assim, a criança adquire um espaço dentro e fora da instituição familiar.

A escola surge como uma instituição com complexos dispositivos de poder e como um marco de confinamento e reclusão, definindo bem o sentimento de infância como conhecemos atualmente, assim como nos é apresentado na história do Pinóquio.

Desta maneira, o aparelho disciplinador para a infância é principalmente a escola:

“Aplicada a uma criança, a *disciplina* evoca um duplo processo de saber e poder: apresentar determinado saber à criança e produzir estratégias para mantê-la nesse saber. De modo que, desde a etimologia até os usos atuais do termo, disciplina – o saber e o poder – e a infância estão juntas” (KOHAN, 2005, p. 70)

Portanto, a relação que Pinóquio possui com o Grilo-Falante expressa essa moral social determinante, que foi construída historicamente diante da figura da criança, que irá guiar o boneco de madeira para o caminho ao qual ele será aceito, o caminho que ele poderá se tornar um “menino de verdade”, um sujeito moral. A Fada Azul e o Gepeto também aparecem como guias, mas em outra proporção, a Fada, que é caracterizada por Collodi como “bondosa”, “carinhosa” e “paciente”, ocupa um papel materno, repreendendo Pinóquio em alguns momentos assim como o castigando, mas sempre o perdoando e justificando suas ações através amor que sente pelo menino. Gepeto assume o papel de um “bondoso” pai “trabalhador”, no entanto “pobre”, “doente” e “coitado”. Ele também repreende Pinóquio e muitas vezes se zanga com as atitudes do pequeno, mas como um pai “bom” ele sempre o perdoa. Pinóquio expressa o ser infantil, estigmatizado, marcado pelas suas características e julgado por elas, devido ao fato de ser uma criança e de ser um boneco de madeira.

### III Sobre ser Ético e Moral

“[...] A novidade dos gregos foi que eles inventaram ‘o sujeito’, como uma derivada, como o produto de uma subjetivação. O sujeito é constituído em práticas verdadeiras, ou seja, em práticas historicamente analisáveis. A ideia importante é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende dele. (CORAZZA, 2000, p. 333)

Retomando o que foi discutido anteriormente, a história de Collodi, “As aventuras de Pinóquio”, é um conto que aborda a representação social da criança e da família no século XIX, sendo assim, ela apresenta situações em que os sujeitos estabelecem relações, morais e amorais. No entanto, este processo perpassa o indivíduo subjetivo, que estabelece relações consigo em que Corazza (2000) distinguirá como uma relação ética.

Como havíamos destacado, a caracterização familiar que Collodi nos apresenta é expressa pela figura do bondoso pai, Gepeto, a carinhosa irmã e sucessivamente mãe, a Fada Azul e o filho transgressor, Pinóquio e os códigos sociais representados através da figura do Grilo-Falante. Os cuidadores do boneco, cada um a sua maneira, estimulam e instigam o pequeno a desenvolver relações morais, para que então ele possa “[...] educar-se para racionalizar-se, para conscientizar-se de que o amor do Outro só quer o seu bem, para libertar-se das trevas do erro e da ignorância[...]” (CORAZZA, 2000, p.342) Porém, esta relação exclui o processo de subjetivação de Pinóquio, que mantém suas resistências perante as exigências, principalmente do Grilo-Falante.

Para melhor distinguir quais são as práticas morais e éticas e quais relações Pinóquio estabelece durante o desenvolver da história, abordo, principalmente, a discussão de Romano (2001) e Corazza (2000) sobre o tema.

A ética e a moral, segundo Romano (2001), caíram em um esvaziamento de seu significado efetivo, nos termos filosóficos, políticos e jurídicos, sendo assim, o autor faz um retrocesso às “fontes mais cristalinas dessas noções no pensamento moderno” (2001, p. 96), julgando necessário utilizar a Enciclopédia de D’Alembert e Diderot, que considera ser uma síntese perfeita dos pontos discutidos sobre os assuntos. “Naquele texto, os olhos passeiam por séculos de busca filosófica, como num rio que atravessa os territórios do Direito, da política, da religião.” (2001, p. 96)

Desta maneira, utilizando-se da Enciclopédia, o autor traça uma série de discussões filosóficas a cerca do significado efetivo da moral, passando pelos pensamentos dos filósofos da antiguidade, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Plutarco, dentre outros, que irão defender a moral, enquanto o bom convívio em sociedade regido pela razão e pelas leis divinas.

“Nada é mais belo do que a sua moral considerada em si mesma; e algumas de suas máximas são muito conformes às luzes da reta razão. Seu grande princípio diz que é preciso viver de acordo com a constituição da natureza humana e que o soberano bem do homem consiste na virtude; isto é, nas luzes da reta razão, as quais nos fazem considerar o que é na verdade conveniente ao nosso estado”  
(ROMANO 2001, p.100)

Sendo assim, de acordo com o autor, a moral é a ciência própria dos homens, pois é ela que prescreve uma conduta social regendo as ações apropriadas para as criaturas racionais. A vida em sociedade é mantida por tais condutas e ser moral,

implica em seguir as leis racionais e divinas; no entanto, a negligência de tais costumes, de acordo com os estudos da Enciclopédia de D'Alembert e Diderot, ocorre pelas paixões.

“Se a ciência dos costumes em todas as épocas foi extremamente negligenciada, as causas disso não são difíceis de serem descobertas. É certo que as diversas necessidades da vida, verdadeiras ou imaginárias, os falsos interesses, as impressões recebidas do exemplo e dos hábitos, a torrente da moda e as opiniões estabelecidas, os preconceitos da infância, sobretudo as paixões, desviam diuturnamente os espíritos de um estudo sério da *Moral*.” (ROMANO 2001, p. 99)

Os levantamentos feitos por Romano (2001) demonstram a concepção moral que existe em nossa sociedade, em que o ser moral é ser racional seguindo as normas e leis sociais, sendo assim, as ações não racionais, como as paixões, tanto as dos adultos quanto das crianças, são sentimentos que deturpam a moral. Neste mesmo sentido, Kohan (2003) descreve algumas reflexões de Platão sobre o assunto, em que o filósofo afirma que:

“[...] há uma conexão direta entre as qualidades de uma polis e as dos indivíduos que a compõem, qualidades que não estão dadas de uma vez por todas, mas que dependem fortemente do contexto em que se desenvolvem.” (2003, p.13)

Platão acredita que é através da educação que se assegura a boa qualidade da polis, pois os jovens se corrompem porque não recebem a atenção e o cuidado para o governo do conjunto. Portanto, “[...]é necessário, então, pensar outro cuidado, outra criança, outra educação, uma experiência infantil da verdade e da justiça que preserve e cultive o que nessas naturezas há de melhor e o ponha a serviço do bem comum.” (KOHAN, 2003, p.14)

A educação é vista como meio de tornar o indivíduo um ser social e racional, sendo a infância, considerada pelo filósofo grego como uma problemática política e não uma questão filosoficamente relevante, sendo assim, a educação dará lugar “[...]a uma polis mais justa, mais bela, melhor.” (KOHAN, 2003, p.14). Esta reflexão de Platão perdura até os tempos atuais, no entanto a educação moral estabelece normas, códigos de convívio social, que necessitam de processos disciplinarizadores para que ela seja garantida, tanto para a infância quanto para os transgressores que perduram em não estabelecerem uma conduta moral.

Pinóquio possuiu durante o desenvolver do conto uma postura de enfrentamento a esta moral, pois como um indivíduo cheio de paixões, não lhe agrada assumir responsabilidade e atitudes que transcendiam seus desejos ociosos, tão condenados pela Fada Azul e pelo Grilo-Falante. Tal postura assumida pelo pequeno tornou-o como um não humano diante da sociedade, sendo além de uma representação de criança, um boneco de madeira que não poderia crescer e estaria fadado a ser sempre um pequeno *buratino*.

Porém, Pinóquio é um sujeito, um indivíduo histórico, que possui sua trajetória e aprende com suas experiências. Esta característica infantil deve ser analisada conforme a proposta de Corazza (2000), que utiliza a observação da figura infantil, através de seu tempo, de sua pluralidade, das técnicas do eu, as formas das relações morais consigo mesmo, a ética da infantilidade e os jogos de verdades pelas práticas de si em que o infantil se constitui, enquanto um sujeito moral de suas próprias ações.

“As figuras do infantil destacam-se, conforme se possa reconhecer, do discurso que passou. Elas são delimitadas, como os signos, e memoráveis, como as

linguagens ou os contos. Cada uma é estabelecida se pelo menos alguém puder dizer: 'Como isto é verdade!' 'Reconheço esta cena de linguagem!' 'Lembro disto que foi escrito!' Para essa operação de constituir as figuras, não foi preciso nada mais nada menos que este guia: o sentimento de ter chegado ao ponto-de-basta da história da infantilidade. E então perguntar: por que se fez da infantilidade uma experiência moral da infância? Como o sujeito-infantil, suas condutas, seus desejos, seus cuidados e educação tornaram-se objeto de preocupação moral do Ocidente?" (CORAZZA, 2000, p. 329 – 330)

Utilizando Foucault, Corazza (2000) discute sobre a designação ética do sujeito para com suas condutas morais, pois através da constituição enquanto sujeito moral, o indivíduo estabelece relações consigo, o que leva à reflexão sobre si, ao conhecimento, à análise e à decifração de si por si, assim como às transformações que efetua sobre o sujeito. É através das condutas e comportamentos do indivíduo, em relação ao código moral (prescrições impostas), que determina os atos permitidos ou não, assim como o valor positivo ou negativo, ou seja, são as relações em que o indivíduo se reconhece como sujeito.

Sendo assim, as relações morais ou prescrições, irão determinar o que se deve ter consigo, ou seja, estabelece uma relação ética "[...] que determina a maneira pela qual o indivíduo deve constituir-se a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações." (CORAZZA, 2000, p. 331). Penso ser possível afirmar que é esse o processo de subjetivação pelo qual Pinóquio passa em sua trajetória.

Dentro destas disposições, a autora acrescenta que para a moral da antiguidade grega e romana as relações morais podiam ser orientadas "para a ética", através das relações consigo, do exercício de conhecimento do sujeito e das práticas de transformação do próprio ser, assim como "orientadas para o código".

Estas duas ações estabelecem uma relação, por vezes, de “rivalidades e conflitos” ou de “composição”. Desta maneira, o indivíduo que privilegiar as ações éticas estabelecerá uma relação como o que Foucault chama de “cuidado de si”.

“‘Cuidado de si’ é, para o mundo grego-romano, o modo mediante o qual a liberdade individual passa a ser pensada como ética. Realizar a genealogia do ‘homem (sic) do desejo’ consiste em historicizar as formas de subjetivação moral e as práticas de si que se destinam a assegurá-las. Isto implica em uma análise do tipo de relação que cada um deve manter consigo mesmo, a qual permite descrever como o indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações.” (CORAZZA, 2000, p. 332)

Desta maneira, estas práticas levam à subjetivação, práticas e relações do sujeito consigo mesmo: “A relação consigo é uma dimensão irreduzível às relações de poder e às relações de saber: entra nestas relações, se reintegra nesses sistemas dos quais começaram por derivar [...]” (CORAZZA, 2000, p. 333)

Foucault (2006) trabalha com a noção grega do “cuidado de si”, que consiste na *epiméleia heautoú*, que retrata as interações consigo mesmo e do conhecimento de si, dentro das relações de verdade;

“*Epiméleia heautoú* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc. Pode-se objetivar que, para estudar as relações entre sujeito e verdade, é sem dúvida um tanto paradoxal e passavelmente sofisticado [...], pois todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos, e desde muito tempo, que a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originalmente colocada em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* (‘conhece-te a ti mesmo’). [...] o *gnôthi seautón* é, sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, por que escolher esta

noção aparentemente um tanto marginal, que certamente percorre o pensamento grego, mas à qual parece não ter sido atribuído qualquer *status* particular, a de cuidado de si mesmo [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 4 – 5)

Portanto, o sujeito se constitui através das práticas verdadeiras, dos jogos de verdade, que se compõem enquanto práticas historicamente analisáveis, em que por meio da relação consigo estabelecerá um processo de subjetivação, passando pelos jogos de verdade de uma forma não coercitiva, mas pela prática de “autoformação do sujeito”, conforme o autor explica:

“É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser.” (FOUCAULT, 2004, p. 1)

Corazza (2000) utiliza-se da deontologia da infantilidade, que é a ciência do dever e da obrigação, para analisar figuras infantis através de suas condutas éticas e morais. As figuras analisadas por ela foram: Sofia de Rousseau; Emílio; Graciliano e El niño/ La Niña; porém irei focar mais nas discussões estabelecidas sobre Emílio, pois seu perfil enquanto uma criança selvagem, que necessita de uma doutrina para então retornar à sociedade, se assemelha à condição em que Pinóquio vivencia em sua trajetória na história de Collodi.

Emílio e Pinóquio devem ser educados para que possam então se tornar adultos normais, racionais e morais. Dentro da Deontologia da infantilidade, o “ente-infantil perfeito é o ente educado”, ou seja, o lugar da infância é na escola.

[...]”O infantil é um produto das normalidades de diferentes significados exemplares, espessuras, posturas e importâncias; o qual, para ser realizado, deve necessariamente passar por um trabalho infanticida que ultrapasse sua natureza infantil, iniciando-o na ‘vida séria’ das/os cidadãs/cidadãos de bem.[...] A moralidade infantil é o processo encetado pelo dispositivo da escolaridade, aliado

ao de infantilidade, através do qual é constituído na criança um temperamento moral, obtido pela internalização em sua subjetividade do Grande-Outro: interiorizando a voz imperativa de comando do outro maiúsculo, cresce no infantil aquilo que se denomina sua 'alma'." (CORAZZA, 2000, p. 340- 341)

Portanto, para que o indivíduo seja reconhecido socialmente, ele precisa ser sujeito ao que Corazza (2000) chama de sujeição das técnicas de si que pedagogizam a experiência de infância, trazendo ao pequeno; o desejo da normalidade, no caso de Pinóquio, o anseio de se tornar um menino como os demais e abandonar seu estado de boneco de madeira. Para isso, o infantil-educado, deverá abandonar seus desejos e prazeres, sendo assim, a moral se transforma em uma questão pedagógica. Nas relações que Pinóquio estabelece consigo mesmo é estabelecida por sua ética, pois ele exerce o seu eu, elaborando o seu ser através de suas experiências. Porém, devido a sua relação amoral com os códigos sociais, ele assume uma postura de não humano, de uma criatura fora de sua sociedade, e esta condição perdura até que Pinóquio passa a exercer relações morais, que são representadas pela sua inserção na escola e no trabalho, a partir deste momento, o pequeno deixa de ser um boneco de madeira e passa viver como um menino de verdade, um indivíduo possível de desenvolvimento.

Nestas condições, Pinóquio aparece como um sujeito futuro, uma expectativa, um vir a ser. No entanto, dentro das relações entre ser moral e seguir seus anseios, o boneco vivência inúmeros conflitos, pois mantém-se resistente diante das atribuições sociais. Seus conflitos disputam a vontade da Fada Azul e de seu pai de vê-lo como um "bom menino" e sua vontade de brincar, pular, correr e experienciar o mundo, conforme iremos abordar no próximo capítulo.

#### IV Metáfora de Pinóquio – Do Boneco de madeira ao vir a ser criança

Retomando toda a discussão anterior, estipulamos que Pinóquio é a personificação da infância, do ser “*in-fans*”, aquele que não possui a fala, que não possui a verdade, mas ele também é aquele que não pode ser, pois ainda é rígido, feito de madeira. Seus anseios e desejos são incontrolláveis, portanto, Pinóquio é a mais pura expressão da infância, ele é um sujeito à parte da sociedade, ingênuo, selvagem, mas ao mesmo tempo maldoso e assim é um perigo para a organização social e necessita de um direcionamento; o boneco precisa ser disciplinado.

Pinóquio enquanto um sujeito rígido resiste às normas sociais e as enfrenta, o que acaba por gerar inúmeras situações que o colocam em risco e prejudicam também sua família, no entanto, seu enfrentamento com a moral demonstra a sua resistência enquanto sujeito que deseja vivenciar suas experiências e não reprimi-las. Desta maneira, Pinóquio demonstra que apesar de ser um boneco de madeira, não é imóvel, muito pelo contrário, pois conforme a história que Collodi descreve em seu início, o *buratino* é capaz de “dançar, esgrimir e dar saltos-mortais”. Mas, mesmo em seu movimento, o boneco é um ser sem tempo, Pinóquio não envelhece, não modifica seu estado físico. Sua condição pode ser mudada, se o pequeno mudar suas ações, sua conduta, podendo então tornar-se um menino e, sendo assim, ele vive um grande conflito, o de vivenciar sua essência ou modificar seu ser, pois apenas assim, o boneco poderá vir a ser uma criança e terá um lugar na sociedade. Desta maneira, propomos olhar para este personagem, assim como Leite (2007) sugere:

“[...] pensar a criança não como uma entidade estanque, fixa, e imutável, mas em seus momentos históricos e culturais, em suas condições concretas de vida, já

que são estas condições que nos apontam para um olhar mais fiel sobre a realidade das questões que circundam a noção de infância.” (2007, p. 21-22)

Pensar a criança, conforme o autor propõe, é pensar em suas relações com o mundo, inclusive com os adultos, pois é impossível observar esta relação sem se voltar para a dialética entre a criança e o adulto. O adulto já foi criança, mas este julga os pequenos conforme o que lhe é constitutivo, tratando-os como uma possibilidade, alguém que não é, mas que será.

“No mundo atual, a transformação na infância e as ‘confusões’ no modo de ver e viver com as crianças trazem alguns problemas tanto para ela como para os adultos. Ambos parecem não ter ao certo os parâmetros que balizam suas práticas no cotidiano. Se por um lado certas atitudes convergem com uma visão naturalista e universal sobre a infância em que a criança é um ser passivo, que **não é, mas será**, por outro lado, tratamos as crianças como seres povoados de questões do mundo adulto. Isso provoca vários problemas nas diferentes instâncias em que a relação entre adulto e a criança se efetiva[...]” (Leite, 2007, p. 26)

A criança não tem as mesmas preocupações dos adultos, assim como Pinóquio não vê sentido nos discursos do Grilo-Falante, da Fada e de seu pai. Suas ações são norteadas pelos seus desejos, independente das consequências, porém no decorrer da história, o pequeno passa por inúmeras situações em que ele é prejudicado por suas ações, trazendo á tona, um grande conflito entre seus desejos e seus deveres, conforme demonstra uma das reflexões do boneco sobre suas atitudes “desajuizadas”:

“Quantas desgraças me aconteceram... E eu fiz por merecer! Porque fui uma marionete teimosa e birrenta... Cismo de fazer tudo do meu jeito, sem ouvir quem gosta de mim e tem mil vezes mais juízo do que eu!... mas de agora em diante

prometo mudar de vida e ser um menino direito e obediente... Mesmo porque agora já vi que sendo desobedientes os meninos saem sempre perdendo e não acertam uma.” (COLLODI, 2009, p. 84)

Este tipo de conflito é recorrente por toda a história, após o boneco desobedecer à instrução de seus cuidadores e acabar sendo prejudicado por suas ações inconsequentes e amorais. Podemos perceber que neste momento da história, Pinóquio já estipulou as figuras da Fada Azul, de Gepeto e do Grilo-Falante, como indivíduos possuidores da razão, enquanto ele se enxerga como transgressor. Esta mudança de pensamento do boneco ocorreu após ele ter frequentado duas das instituições disciplinarizadoras, citadas por Foucault (1984), sendo elas a representação do Hospital e da Prisão.

Conforme o “agouro” do Grilo-Falante, no início da história, Pinóquio esteve entre a vida e a morte, após ter sido enforcado por assassinos. Seu salvamento se deu através da Fada Azul, que o resgatou e chamou três dos melhores médicos do bosque em que morava. O pequeno teve de escolher entre tomar o remédio amargo ou a morte e assim teve de abdicar de sua conduta teimosa e ceder aos apelos da Fada, para que continuasse vivo. Após isso, o boneco desobedeceu a Fada e se encontrou com o Gato e a Raposa que lhe enganaram e roubaram suas moedas de ouro; Pinóquio, ficando indignado com a situação, foi pedir o auxílio das autoridades e acabou sendo preso. Permaneceu em cárcere durante quatro meses, sendo libertado por ordem do Príncipe da cidade de “Enrola-Trouxas”, que mandara libertar todos da cadeia. Ao sair da cidade, o boneco cai em outro cárcere, pois tenta roubar uvas de um canteiro e acaba sendo pego por uma armadilha. Seu castigo agora seria desempenhar o papel de cão de guarda da fazenda, para que assim, impedisse que as fuinhas comessem as galinhas. O pequeno apenas se livra “do

peso duro e humilhante daquela coleira ao redor do pescoço” após delatar a ação dos pequenos animais para o Dono da fazenda que afirma:

“- Bom menino! – gritou o camponês batendo-lhe com a mão no ombro. – Esses pensamentos te enobrecem. E para provar a minha grande satisfação, a partir de agora deixo você livre para voltar para casa.” (COLLODI, 2009, p. 94)

As cenas apresentadas são expressões do forte controle moral a que Pinóquio é submetido, sendo todos eles consequências de suas ações. Vejamos: a estadia na prisão lhe foi atribuída por não ter escutado os conselhos da Fada e do Grilo, sendo assim enganado pelos “tiranos” e preso, sob nenhuma acusação. O cárcere da coleira reprime a ação do “roubo das uvas” e o coloca em uma situação inferior à qual o boneco já é submetido, colocando-o na situação de cão de guarda, sendo apenas reconhecido novamente como um menino, quando ele toma para si que roubar é errado e anuncia o roubo de galinhas.

Este é o princípio da disciplinarização de Pinóquio, no entanto o processo apenas estará completo após frequentar a escola e o trabalho. Porém, apesar de frequentar a escola, ainda lhe falta o controle do corpo e dos desejos, pois ele se depara em mais um conflito, continuar na escola e virar um “menino de verdade” ou seguir seu amigo “Pavio” até o país dos Brinquedos, um lugar onde não existem escolas, nem professores e nenhuma obrigação com o estudo. Após muito refletir, Pinóquio decidiu acompanhar seu colega até tal “país maravilhoso”, porém a fala de um dos burros que levava os meninos ao seu destino acentua o papel social e a condição moral de existência da criança, pois de acordo com o pequeno asno, a falta de estudos poderia apenas trazer infelicidade, assim como na fala da marmota, que ao encontrar o boneco se transformando em burro, comenta:

“- Meu caro – replicou a marmotinha para consolá-lo – fazer, o quê? Agora já é destino. Está escrito nos decretos da sabedoria que todos os garotos preguiçosos que, afastando-se dos livros, da escola e dos professores, passam seus dias brincando e se divertindo acabam mais cedo ou mais tarde, transformando-se em pequenos burros” (COLLODI, 2009, p. 151)

Foucault descreve a escola como um lugar de controle do corpo, das ações, da organização, dos exercícios, que codifica e racionaliza o tempo, o espaço e o movimento, sendo assim:

“[...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o podemos chamar as ‘disciplinas’” (1984, p.126)

O abandono da escola por parte de Pinóquio foi o ato primordial para que ele se torna um animal, de acordo com Collodi (2009), que não poderia nem se comunicar, nem se expressar. Essa mesma situação se assemelha, porém de uma maneira, aparentemente, não pejorativa, quando Pinóquio consegue se livrar de seu formato de burro, resgata seu pai e começa a trabalhar em troca de um copo de leite. O pequeno tomava o lugar de outro asno, que por ironia, era seu amigo Pávio, que acabara falecendo de tanto trabalhar. O boneco girava a Nora, para puxar cem baldes de água por dia, em troca de um copo de leite, para então, levar ao seu pai que estava doente. Ele seguiu neste “ofício” durante cinco meses, acordando cedo para trabalhar, no tempo livre fazia cestas de junco e dormia tarde para poder exercitar-se na leitura e na escrita.

A partir da experiência, passando por estas quatro instituições de poder disciplinarizador, Pinóquio passa a exercer relações éticas e morais dentro de sua sociedade, sendo reconhecido enquanto um bom menino. Porém, seria esta

realmente a escolha de Pinóquio? Kohan (2005) traz através da citação de Foucault, uma boa reflexão sobre este assunto, pois, conforme Leite (2007) discutiu, os adultos pensam as crianças à sua maneira e as submetem às suas expectativas, deste modo, os pequenos recebem uma infantilização exagerada, sendo imposto a eles frequentar espaços em que irão aprender a ser mais racionais e dóceis.

“Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. Neste sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões, as fábricas se parecem muito com as prisões”. (FOUCAULT apud KOHAN, 2005, p. 76)

A passagem de Pinóquio para tornar-se um menino de verdade, ocorreu após a Fada Azul, Gepeto e o Grilo-Falante perdoarem o pequeno por todas as suas travessuras, pois enfim, ele tornara-se um “bom menino” que consegue controlar seus desejos e seu egoísmo.

Seu trabalho rendeu-lhe dinheiro suficiente para sustentar seu pai, que estava enfraquecido pela doença. Em um dia, o boneco conseguiu juntar dinheiro suficiente para poder comprar-lhe algumas roupas novas, porém foi surpreendido por um dos ajudantes da Fada Azul. De acordo com o caracol, ela se encontrava pobre e doente. Pinóquio entregou ao pequeno animal o dinheiro que iria usar para comprar roupas novas e prometeu trabalhar dobrado para entregar à Fada dinheiro para seu tratamento. E assim, naquela noite, Pinóquio sonhou com a mulher de cabelos azuis que lhe dizia:

“- Muito bem Pinóquio! Graças ao seu bom coração, perdoo-lhe todas as travessuras que você aprontou até hoje. Os meninos que cuidam amorosamente dos pais nos seus sofrimentos e nas suas enfermidades merecem sempre muitos

elogios e muito afeto, mesmo quando não podem ser citados como modelos de obediência e de bom comportamento. Crie juízo para o futuro e será feliz.” (COLLODI, 2009, p.189)

Quando o pequeno acordou, muita coisa havia mudado, a pequena casa de palha que o Grilo-Falante havia emprestado para que pai e filho morassem, tornara-se uma casa simples, mas elegante; Pinóquio não era mais um boneco de madeira, havia se tornado um menino e seu pai voltara a ter saúde e disposição. Questionando todas as mudanças, Pinóquio recebe a resposta de seu pai: “Porque, quando os meninos que eram maus se tornam bons, têm a virtude de fazer com que também sua família ganhe um ar novo e sorridente” (COLLODI, 2009, p.191).

O desfecho da história do livro de Collodi ocorre com este diálogo entre Pinóquio, agora um menino humano, e Gepeto. No entanto, prefiro o final do filme de Roberto Benigni (2002), em que após Pinóquio tornar-se menino de verdade, vai para a escola junto com seus colegas, porém sua sombra para na porta da sala de aula e recusa-se a entrar, saindo correndo, pulando e gargalhando pelo campo. Essa cena expressa de uma maneira poética, os desejos de Pinóquio, que permanecem, mesmo após ele ter aceitado as normas sociais, enquanto o corpo é controlado, mas as vontades ainda viajam em sua imaginação.

## Conclusão

“Com o fim da *epistémé* clássica, também ‘a infância’ e ‘a criança’ – como ‘a loucura’ e ‘o louco’, ‘a doença’ e ‘o doente’ entrarão em uma nova relação que se estabelece entre as palavras, as coisas e sua ordem; pois, como disse Foucault, o humanismo do Renascimento e o racionalismo dos clássicos puderam dar um lugar privilegiado aos humanos na ordem do mundo, mas o que não puderam foi pensar o homem – nem, muito menos, o que Foucault não disse, puderam pensar a mulher e a criança” (CORAZZA, 2000, p. 20)

Conforme Corazza (2000) destaca, a criança possui um lugar distinto em nossa sociedade, separada do mundo adulto, no entanto não há apenas esse tipo de segregação, pois se destacam as que são mais espertas, os meninos das meninas, aqueles que são “normais” dos que possuem algum tipo de “deficiência”, assim como a separação por classe social. Enfim, o universo da criança, apesar de ser distinto do adulto, mantém e reproduz a lógica social, separando, dividindo, valorizando mais uns do que outros através de sua forma física, a maneira com que se relaciona e a sua classe social.

A inserção do infantil na sociedade ocorre através de instituições disciplinarizadoras, para que por meio da docilização, proporcionam um espaço propício para que as crianças possam vir a ser bons adultos, para então poderem estabelecer relações éticas e morais no âmbito social.

Pinóquio, enquanto imagem do infantil, nos deixa clara essa atribuição social para a criança, qual a conduta ideal para ser considerado um “bom menino”, assim como as consequências de se portar de maneira oposta.

A história de Collodi (2002), apesar de ter sido escrita no final do século XIX, ainda é muito popular no meio infantil, mostrando as consequências que os pequenos podem sofrer caso desrespeitem seus pais, deixem de ir à escola e não escutem os conselhos dos pais “ajuizados”; porém, nesta história, também são representados os desejos das crianças, os anseios, os sofrimentos e as relações que elas estabelecem com a conduta moral. Pinóquio enquanto boneco de madeira estabelece mais uma relação ética consigo mesmo e ignora a moral social e nesta conduta ele age livremente; quando o pequeno deixa de ser um boneco, ele é caracterizado pela aceitação das normas sociais, estabelecendo então relações morais. E é desta maneira que encontramos uma bela metáfora em Pinóquio, pois ele é um sujeito livre, enquanto é um boneco, mas se torna um sujeito engessado quando assume o papel social da criança e torna-se um “menino de verdade”.

Desta maneira, podemos dizer que a característica da infância no século XIX passa por meio das suas atribuições sociais, tendo como dever ter um comportamento correto; sendo bons com seus pais e outros adultos; assim como frequentar instituições educadoras, como a escola e o trabalho. Na história de Pinóquio nos é apresentado ainda que é dever do filho ajudar com as despesas de casa e se for necessário até assumi-las para sustentar e dar boa vida aos pais.

Atualmente vivenciamos outro momento histórico, mas, mesmo assim, algumas atribuições do infantil ainda perduram, como a obrigatoriedade de frequentar a escola, mas não cabe apenas aos pais manterem seus filhos na instituição, mas também ao Estado, que garante o acesso através de aparatos legislativos expressos através da Constituição Federal (1988), das Leis de Diretrizes e Bases (1996) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Sendo assim, a função da infância acaba por se resumir ao aprendizado, na educação para vir a ser um cidadão e, conforme discutimos no discurso de Platão que Kohan (2003) apresentou, e neste mesmo sentido, Leite (2007) fala da pedagogização da infância, pois:

“Dessa forma, a infância acaba sendo condição e, ao mesmo tempo, produto do discurso pedagógico, fundamentalmente na modernidade, pois foi assim que se pôde verificar que tanto o discurso de Rosseau como o de Durkheim, anunciam as formas com que a modernidade pensava, olhava, sentia e dizia da e sobre a criança. Também se pôde notar como esta cultura foi se apropriando das ideias destes autores e marcando suas práticas com a criança.” (Leite, 2007, p. 133 - 134)

Isto nos faz pensar em como seriam as relações de Pinóquio se a história fosse escrita no século XXI, em que as relações sociais infantis são pautadas prioritariamente na escola? Quais seriam as resistências, assim como quais seriam as metáforas expressas na história?

Estas questões não serão respondidas neste trabalho, mas podem servir de base para questionarmos o espaço que atribuímos para as crianças, assim como as inúmeras atribuições e expectativas que criamos em cima dos pequenos, pois vivemos num momento histórico em que esperamos sempre o futuro, vivemos incessantemente essa expectativa, assim como atribuímos esse sentimento para a infância, esperando que eles passem por ela para então tornassem alguém.

Portanto, a figura de Pinóquio, assim como suas ações e relações, nos servem para refletir sobre a conduta do infantil e as expectativa atribuídas a eles, esperando que se tornem “bons” adultos. Este tipo de pensamento acaba por

menosprezar as experiências infantis, tornando-as insignificantes diante da preparação para vir a ser adulto. Desta maneira, esperamos contribuir para uma reflexão sobre nossa conduta com a criança, pois enquanto, professores, pais, parentes, enfim, adultos em geral, sufocamos e reprimimos situações que podem ser importante para os pequenos. Talvez refletindo sobre nossa prática e nossa conduta, poderemos desacelerar este futuro e deixar que o crescimento e a educação possam vir se desenvolver de uma maneira mais natural e menos forçada para as crianças, sendo assim, acredito que as relações sociais poderão tornar-se menos dolorosas e a educação possa fazer parte de brincadeiras e experiências, deixando a criança vivenciar seu presente, sem precisar se preocupar com um vir a ser alguém.

## Referências Bibliográficas

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

COLLODI, C. **As aventuras de Pinóquio**: histórias de uma marionete. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

CORAZZA, S. M. **História da Infância Sem Fim**. Rio Grande do Sul: Editora UINIJUÍ, 2000.

FERNANDES, H. R. Infância, Escola e Modernidade Infância e modernidade: doença do olhar. In: GUIRALDELLI JR., P. (Org.). **Infância, escola e modernidade** São Paulo: Cortez, 1997 p.61 – 82.

FOUCAULT, M. Aula de 6 de janeiro de 1982 – Primeira hora. In: **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.3 – 35.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KOHAN, W. O. **Infância e educação em Platão**. Educação e Pesquisa São Paulo: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, v.29, n.1, jan./jun, 2003. p. 11-26.

KOHAN, W. O. A infância escolarizada dos modernos (M. Foucault). In: **Infância. Entre educação e filosofia**. 1 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 61 – 96.

LEITE, C. D. P. **Labirinto Infância, Linguagem e Escola**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007.

## Filme:

BENIGNI, R. **Pinocchio** [Filme] Produção de Gianluigi Braschi, Nicoletta Braschi e Elda Ferri, Direção de Roberto Benigni. Italia, Mirax Films/Buena Vista, 2002. Duração 108 min. Color. Son.